

Dossiê: Estratégias de devotos e brincantes para a religiosidade em tempos de pandemia

Pau-de-arara digital: estéticas da devoção entre romarias e reisados *online* na pandemia da Covid-19 em Juazeiro do Norte

Ribamar José de Oliveira Junior

Doutorando em Comunicação e Cultura

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

ribacomar@gmail.com – <http://orcid.org/0000-0002-5607-2818>

Itamara Freire de Meneses

Doutoranda em Ciências Sociais

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

itamarafreires@hotmail.com – <http://orcid.org/0000-0002-2678-841X>

RESUMO

De cima de um pau-de-arara digital, analisamos como as manifestações religiosas e culturais da cidade de Juazeiro do Norte, região do Cariri, no interior do Ceará, enfrentaram os efeitos da pandemia da Covid-19 nos últimos dois anos. Ao lado das preces das romarias e das brincadeiras dos reisados, analisamos através da etnografia de tela duas *lives* realizadas em torno da materialidade de práticas devotas. No caso, consideramos os eventos virtuais “Encontro com os Romeiros”, da Romaria de Finados em 2020, e o “Dia de Reis”, do Reisado dos Irmãos em 2021, diante dos seus processos rituais. Por meio das estéticas do ritual na transmissão ao vivo do *streaming*, observamos como, das ruas para as telas, os fiéis e brincantes se transformam em um corpo coletivo engajado que devota nas redes sociais como uma das estratégias populares de pertencer à promessa do amanhã.

Palavras-chave: Romaria; Reisado; Juazeiro do Norte; Pandemia; Covid-19.

Pau-de-arara digital: aesthetics of devotion between online romarias and reisados in the Covid-19 pandemic in Juazeiro do Norte

ABSTRACT

From a digital pau-de-arara, we analyze how the religious and cultural manifestations of the city of Juazeiro do Norte, Cariri region, in the interior of Ceará, faced the effects of the Covid-19 pandemic in the last two years. Alongside the prayers of the *romaria* and the plays of the *reisados*, we analyze through screen ethnography two lives performed around the materiality of devotional practices. In this case, we consider the virtual events “Encontro com os Romeiros”, of the Romaria de Finados in 2020, and the “Dia de Reis”, of the Reisado dos Irmãos in 2021, in view of their ritual processes. Through the aesthetics of the ritual in live streaming, we observe how, from the streets to the screens, the faithful and brincantes transform themselves into an engaged collective body that devotes in social networks as one of the popular strategies of belonging to the promise of tomorrow.

Keywords: Romaria; Reisado; Juazeiro do Norte; Pandemy; Covid-19.

Pau-de-arara digital: estéticas de la devoción entre romarias y reisados online en la pandemia de Covid-19 en Juazeiro do Norte

RESUMEN

A partir de un pau-de-arara digital, analizamos cómo las manifestaciones religiosas y culturales de la ciudad de Juazeiro do Norte, región de Cariri, en el interior de Ceará, enfrentaron los efectos de la pandemia del Covid-19 en los últimos dos años. Junto a los rezos de las romerías y los juegos de los reisados, analizamos a través de la etnografía de pantalla dos *lives* realizadas en torno a la materialidad de las prácticas devotas. En este caso, consideramos los eventos virtuales “Encontro com os Romeiros” de la Romaria de Finados en 2020 y el “Dia de Reis” del Reisado dos Irmãos en 2021 en vista de sus procesos rituales. A través de la estética del ritual en la transmisión del *streaming* en vivo, observamos cómo, de las calles a las pantallas, los fieles y brincantes se transforman en un cuerpo colectivo comprometido que se vuelca en las redes sociales como una de las estrategias populares de pertenencia a la promesa del mañana.

Palabras clave: Romaria; Reisado; Juazeiro do Norte; Pandemia; Covid-19.

Nos caminhos da antropologia da devoção¹

Eu fui evangelizada pelos romeiros e eu digo isso com toda sinceridade, eles me adotaram, eles perceberam que eu tava aqui só a serviço deles, eles me chamam de mãe (Annette Dumoulin²).

“O coronavírus ainda não acabou e precisamos da contribuição de cada um para evitar uma segunda onda de contágio em nossa região. Também sentimos falta dos romeiros entre nós, mas pedimos que fiquem em casa e acompanhem pelos meios de comunicação para que a vida plena seja para todos”³. Esta é a recomendação das autoridades eclesiais de Juazeiro do Norte, na fala do Padre Cícero José da Silva, reitor da Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, sobre as romarias no contexto pandêmico. No caso, a Romaria de Finados, a maior romaria da terra do Padre Cícero, teve programação virtual em 2020 e a preocupação assinalada pelo Padre José parte de uma aflição global a partir dos seus efeitos localizados. Nesse contexto entre morte, adoecimento e vulnerabilidade, o rito fúnebre da Romaria de Finados aparece no próprio reflexo de como vivenciamos a pandemia, inclusive como pesquisadores da região. Desse modo, partimos das afetações que nos levaram a desenvolver este artigo diante dos nossos percursos de pesquisa sobre manifestações populares, tendo em vista o que Jeanne Favret-Saada (2005) aponta na angústia de ser afetado, onde tudo se passa muito depressa, mas, nesse caso, parece não sair do lugar. Certamente, estamos falando do isolamento social que atravessou os modos de vida dos fiéis da romaria e dos brincantes do reisado em tempos de pandemia.

Ao levar em consideração o processo ritual (TURNER, 1974) dessas manifestações populares na reconfiguração das suas práticas devocionais, procuramos refletir sobre como os romeiros e os brincantes estão atravessando esse período por dois momentos específicos desses rituais midiáticos. Na restrição do convívio social, as romarias e os reisados como festas espetaculares mostraram como o corpo pode ser adaptado aos seus usos, tendo em mente que os fiéis e os brincantes emprestam os seus corpos ao mundo para devotarem entre técnicas corporais (MAUSS, 1974). Desse modo, nos interessa

¹ No período em que estava sendo escrito este artigo, a irmã Annette encontrava-se hospitalizada, poucos dias depois veio a falecer. Deixamos aqui registrado nosso carinho e respeito pela madrinha dos romeiros, grande liderança religiosa e intelectual. Em memória da sua devoção ao Padre Cícero.

² Ver a citação completa em: <www.youtube.com/watch?v=HM2st_C1rwg>.

³ Ver mais em: <www.badalo.com.br/cariri/romaria-de-finados-anuncia-programacao-virtual-a-partir-de-29-de-outubro-confira/> Acesso em 21 dez. 2021.

pensar a estética do ritual através da experiência da romaria e da performance do reisado, levando em conta a expressividade dos processos comunicativos desses ritos de modo religioso e artístico no ambiente *online*, sobretudo, a partir de transmissões ao vivo na relação mediada entre os participantes e os espectadores nas redes sociais. Ao considerarmos a metáfora do pau-de-arara digital, visamos refletir sobre a devoção em tempos de catástrofe, principalmente, quando ela aparece ligada à cultura e à arte como estratégias para viver a religiosidade durante o caos da Covid-19, ou seja, quando vemos nessas manifestações formas de habitar e reimaginar o mundo em crise. “Comecei então a perceber uma forma no processo do tempo social. E esta forma era essencialmente dramática. Aqui, minha metáfora e meu modelo eram uma forma estética humana (...)” (TURNER, 2008, p. 27). Assim, levando em conta esse “evento crítico” (KAPFERER, 2010) da pandemia, pensamos no processo ritual dessas manifestações no contexto *online* da romaria e do reisado.

Para tanto, tomamos como foco de análise o evento intitulado “Encontro com os Romeiros”, contemplado na programação virtual da Romaria de Finados de Juazeiro, ocorrida no ano de 2020, na medida em que refletimos sobre o reisado por meio da *live* realizada em 2021 pelo grupo Reisado dos Irmãos, do Mestre Antônio no bairro João Cabral. Por isso, diante da ameaça da vida e do contágio do corpo na pandemia, conforme o Boletim Epidemiológico⁴ publicado pela Secretaria de Saúde de Juazeiro do Norte, situamos a partir do contexto analisado que, no dia 3 de junho de 2021, foram notificados o total de 93.732 casos de coronavírus, sendo destes 27.626 confirmados ao lado de 541 óbitos. Se como traz Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2002), o corpo é a base existencial da cultura, vale pensar a corporalidade desses ritos como portas de entrada para nos perguntar não só sobre o que passa diante dos nossos olhos, mas como acontece a devoção nessas manifestações populares de modo digital. Afinal, na forma narrativa do *streaming*, a relação entre os agentes nas redes sociais, mobilizada entre romeiros e brincantes, traz uma expressividade própria que engaja a devoção de modo recíproco pela interação em tempos múltiplos da ação. Em outras formas de ser e estar, os atos de rezar e brincar compartilham o corpo como suporte da devoção e no modo online a presença virtual situa a *live* como suporte para o corpo em devoção. “Teria a devoção através dessas imagens, ou diretamente a essas imagens, características singulares diante de imagens em outros suportes?” (MENEZES, 2011, p. 45).

⁴ Link de acesso ao Boletim: <<https://juazeirodonorte.ce.gov.br/noticia/9847-secretaria-da-saude-de-juazeiro-do-norte-informa-boleti/>> Acesso em 19 nov. 2021.

Embora a resposta dessa questão seja complexa, diante da reprodutibilidade técnica da imagem da devoção, tomamos os nossos exemplos específicos das afetações da pesquisa para enveredar caminhos pela “antropologia da devoção”, nos termos de Renata de Castro Menezes (2011), onde encontramos fios entre festa, religiosidade e arte que nos auxiliam a pensar sobre a fé na sobreposição de tempos das redes e na instantaneidade das interações no ambiente *online*. Evidentemente, essa tarefa exige um estudo mais aprofundado, mas encontramos nas etnografias de tela singularidades dos ritos da romaria e do reisado, processos interessantes que foram descritos e analisados para pensar na materialidade da devoção pelas interações em rede. Entre o indizível e o invisível da crença e das práticas religiosas, procuramos observar como novas formas de estar junto podem ser produzidas com base na resistência como fé. Diante disso, pensamos com Carmen Rial (2005) na perspectiva da etnografia de tela que nos possibilitou, diante das imagens capturadas e das observações anotadas em caderno de campo, perceber significações dos movimentos da câmera, da conversação dos atores em cena e do tempo das performances através da sensibilidade. No caso, o horizonte da etnografia de tela foi possível nos dois contextos, onde a imersão dos pesquisadores em seus campos de pesquisa se encontrara pelas afinidades e afetações da adaptação das manifestações no contexto analisado.

Em um primeiro momento as análises que compreendem o vídeo disponibilizado na página do Facebook da Mãe das Dores reportam ao tradicional “Encontro com os Romeiros”, qualificado como “Reunião das Três”⁵ no dia 29 de outubro de 2020 com o total de 2,7 mil visualizações. Em um segundo momento, as análises da *live* disponibilizada no “Dia de Reis”⁶ foram publicadas no Instagram do Reisado dos Irmãos no dia 5 de janeiro de 2021, tendo o total de 555 visualizações. Ambos os vídeos mostram um momento que propicia o sentimento de pertença e sociabilidade entre pessoas que apresentam um elemento comum: a devoção. Dessa forma, as etnografias de tela focaram em dois momentos distintos de isolamento social dos próprios autores, onde cada um escreveu em isolamento a partir da sua própria tela e diante dos seus percursos de pesquisa nos campos da romaria e do reisado. “A tela seria uma das possibilidades concretas de apresentar e constituir realidade. A tela torna-se uma teia de discursos” (BALESTRIN; SOARES, 2014, p. 92). Desse modo, entendemos que a ritualística dessas manifestações se efetua pela tela através de vínculos midiáticos de pertencimento, fazendo do rito um

⁵ Link do vídeo: <www.facebook.com/watch/live/?v=396595198037213&ref=watch_permalink> Acesso em 30 jun. 2021.

⁶ Link do vídeo: <www.instagram.com/tv/CJrcqKEHZfa/> Acesso em 1 jul. 2021.

modo de estar presente em Juazeiro do Norte, cumprindo a promessa do Padre Cícero na esfera do *online*.

Das três sensibilidades etnográficas que Débora Leitão e Laura Gomes (2017) trazem sobre a etnografia em ambientes digitais, entre as perambulações, os acompanhamentos e as imersões, fazemos da sensibilidade da imersão um movimento do *offline* para *online*, no sentido de explorar o que essas manifestações possuem em comum e até onde se relacionam, pois essa entrada nos nossos campos de pesquisa pelo digital é algo novo para nós, pois acostumados a ouvir missas de romarias e a ver as apresentações do reisado presencialmente, entramos em campo o desconhecendo. Assim, apresentamos notas em duas mãos onde não visamos expor desafios ou propor soluções para esses eventos em tempos críticos, mas sim acompanhar como romeiros e brincantes continuam devotando, abrindo a possibilidade para falar próximo do que Lucas Bártolo e João de Sousa (2020) trazem sobre a reconstrução de vínculos comunitários que aqui aparecem tanto pela associação religiosa como pelo lúdico brincante. Cada avatar, uma vela acesa. Cada *like*, uma peça do Mestre. “A virtualização de eventos e performances abre um leque de questões que ultrapassam os limites deste texto” (BÁRTOLO; SOUSA, 2020, p. 199). Ao considerar duas questões para pensar esses encontros, a reza e a brincadeira, vemos que a devoção no *streaming* possui uma estética pulverizada que compõe o processo ritual e dá carne à multidão, modificando os sentidos da participação no festejo no viés da saudade. Como essas *lives* materializam a devoção permeando os sentidos do ritual?

Romaria virtual: do outro lado da tela, eu vejo o Juazeiro do padrinho⁷

Era o dia 13 de maio de 2021 quando nos comunicamos um com o outro pela primeira vez durante a pandemia. Embora estivéssemos a 2 mil quilômetros de distância, um no Rio de Janeiro e a outra em Pernambuco, aquela conversa reavivou uma ideia que havíamos pensado anos atrás, dentre as afinidades das nossas pesquisas, porém dessa vez nos encontramos mais pelas dificuldades do trabalho de campo. Por meio dos diálogos na tela, trouxemos nossas afetações que costuraram nossa prática a um só encontro: as romarias e os reisados estavam ocorrendo de modo *online*. Como uma reação inicial, havia o consenso de que era muito diferente estar de corpo presente e estar virtualmente diante desses rituais, mas esses dois modos de estar presente traziam uma reflexão interessante

⁷ Essa é uma parte da pesquisa que reúne os olhares da segunda pesquisadora para o seu campo, envolvendo as romarias e os romeiros de Juazeiro do Norte. Os nomes dos romeiros foram abreviados pelas iniciais pelo tratamento ético da pesquisa.

sobre a devoção, sobretudo, quando a maior parte das nossas pesquisas ocorreram *offline*. Uma coisa era certa, do outro lado da tela, víamos o “Juazeiro do padim” e ele tinha algo a nos dizer. Nos termos de Victor Turner (1974), seria possível dizer que talvez estivéssemos diante da liminaridade como momento de margem desses dois ritos de passagem, onde em fase de isolamento dos espectadores e da transmissão dos participantes, vemos a “morte” social como condição transitória de um lugar a outro. *Online* estamos sempre em trânsito através desses rituais em processo na cultura popular, pois em lugar nenhum, a não ser em nós mesmos, vivenciamos o que pode ser transmitido, a experiência do estar junto aparece nos modos de estar consigo, seja do rezar ou do brincar em suas singularidades perceptivas. Diante das singularidades dessas experiências de religiosidade, entendemos a própria religião e o próprio ritual como fundantes do social (DURKHEIM, 1996).

Assim, a *live* do Encontro com os Romeiros refere-se a um vídeo de 1 hora na página da Mãe das Dores no Facebook, como programação da Romaria de Finados de 2020 que teve sua transmissão no dia 29 de outubro de 2020 às 16:30. Nos primeiros momentos da *live*, em torno de quatro minutos, foram exibidas imagens gravadas, até então o cenário principal da *live* não aparecera. Na abertura, a comunidade romeira foi informada a respeito de quais canais acessar para conhecer a programação geral da Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores. Os canais são: YouTube, Facebook, Instagram, Website e Twitter. Interessante notar a proporção que as ferramentas digitais têm assumido no contexto de pandemia. Na ausência do contato direto, as mídias digitais têm sido apropriadas fortemente pelas entidades de cunho religioso, fato que exige um empenho em torno do carisma das lideranças religiosas da romaria. Ainda nos minutos iniciais da *live*, o público é tomado por imagens fortemente nostálgicas, imagens gravadas do ritual presencial. Chegando à Praça Padre Cícero em procissão, os romeiros se aglomeram em um momento de forte devoção. Muitos devotos usando o tradicional chapéu de palha andavam pelas ruas de Juazeiro do Norte. Um homem carregando a cruz com Jesus crucificado segue diante de um gesto de veneração, ao lado dele, dois senhores tendo em mãos um retrato do Padre Cícero, seguidos de uma multidão. Posteriormente surge uma mão de uma devota segurando um pequeno crucifixo. Uma senhora com um véu na cabeça, um guarda-chuva na mão, rezando no túmulo do Padre Cícero, é o vídeo seguinte.

As cenas aludidas mostram uma associação de símbolos localizados (GEERTZ, 2001) que foram registradas em cerca de vinte segundos de vídeo. Um tempo que aparentemente se mostra curto, entretanto, o jogo de câmeras propiciou exatamente a nostalgia mencionada mais acima de como se o romeiro pudesse estar lá, dado que o

cuidado na escolha das imagens que retratam exatamente elementos ausentes na pandemia da Covid-19, demonstra a intencionalidade de despertar o sentimento saudoso do ritual dos romeiros, evocando uma estética da devoção nos enredos rituais vividos na romaria. Os vídeos exibem aglomerações, calor humano, contato direto entre os devotos e ruas do Juazeiro. Nas interações da *live*, encontramos alguns comentários, a exemplo deste: “Saudades do Santo Juazeiro” de Arnóbio de Porto de Folha, Sergipe. Interessante notar também a saudade de um Juazeiro que assim como o Padre Cícero é percebido como santo, saudade de um tempo outro onde foi possível estar perto de uma terra que constitui o corpo romeiro no enraizamento. Uma espacialidade e temporalidade que alimentam a fé do devoto, a devoção do romeiro é substanciada pelos bens materiais e simbólicos (BOURDIEU, 1992) encontrados na cidade de Juazeiro. “Eu oro pela canonização do meu padrinho Cícero Romão Batista, ele é Santo do Sol, injustiçado pela igreja católica”, são exemplos de palavras deixadas nos comentários da *live* por J. C. G. de Presidente Prudente, São Paulo. Verifica-se, portanto, o caráter de santo do povo. Após a exibição de vídeos melancólicos, o Padre Cícero José da Silva, reitor da Basílica Nossa Senhora das Dores, surge deixando uma mensagem.

O discurso do Padre Cícero José compõe o ritual e caminha no sentido de convidar os romeiros a participar da romaria virtual. Em seguida, o sacerdote atenta para o contexto pandêmico e pede a observância nos cuidados com a Covid-19: “Lembro, estamos no tempo de enfrentamento ao Covid-19, por isso todos os cuidados se fazem necessários para preservarmos a vida plena para todos”. Assim, vemos como as lideranças religiosas utilizam da fala para destacar a necessidade do povo romeiro ter consciência de si no cuidado e na vulnerabilidade do corpo em tempos de pandemia. Os primeiros minutos da *live* apresentam um caráter mais informativo e possibilitam o entendimento de que o “Encontro com os Romeiros”, ocorrido na Romaria de Finados de 2020, investiu grandemente nas ferramentas tecnológicas, no uso de imagens e vídeos que remetem a magnificência do que é a romaria na sua condição presencial – tentativa de não permitir que o evento virtual seja tomado pelos romeiros por meio do sentimento de superficialidade, ou seja, de transmitir o ritual da romaria em sua possível maior devoção; visto que, embora os instrumentos digitais propiciem aproximação, possibilidade de contatos e a realização de grandes eventos, as relações virtuais são tomadas de modo geral por interações diferentes. Assim, as “romarias são um fenômeno plural – em contínua mudança – que é construído por atores permeados por uma multiplicidade de vivências e sentidos” (BRAGA; SILVA; MENESES, 2019, p. 274).

Partimos do argumento que sustenta a tese em que se compreende as romarias virtuais como uma possibilidade de afirmação sobre as condições reais, pautado no face a face. Nos comentários fixados na *live*, verificamos a ideia de que a romaria virtual é compreendida pelo romeiro como um evento que o aproxima do Juazeiro e alimenta o desejo de voltar ao santuário, como é vista a cidade, a exemplo do desejo de W. N. de Curaçá, Bahia: “Quanta saudade de estar aí. Nossa Senhora das Dores intercedei por todos nós para que próximo ano possamos estar aí pessoalmente na romaria”. Enquanto isso, é possível ouvir uma chamada de “Sejam bem-vindo romeiro, nesse encontro de irmãos, romeiro da Mãe das Dores e do padre Cícero Romão” ao som desta canção, na voz da irmã Annette, cenas são exibidas que provocam mais uma vez um sentimento de saudade que relembra o que é ser um romeiro. Padre Cícero surge trajando uma batina preta ao lado de um beato, rapidamente cede a cena para um vídeo em que o sacerdote se encontra sentado, rodeado por devotos vestidos de branco. Seguidamente surge uma senhora, vestida de branco, com um terço na mão fazendo o sinal da cruz. Logo adiante surge a cena de duas romeiras usando chapéu de palha, aplaudindo. Chamo atenção para o olhar sereno das devotas, que parece demonstrar gratidão por estarem ali. De corpo presente, próximo do ritual, dentro de Juazeiro do Norte.

A cena a seguir, ainda compondo o quadro de vídeos gravados, é de um “pau de arara⁸”, cheio de romeiros. De cima do pau de arara, uma mulher solta um beijo para uma possível plateia. Antes de ser considerado transporte irregular, o pau de arara transportava romeiros de várias localidades, tornando o transporte específico uma espécie de símbolo ritual das romarias. Era o momento em que, de fato, estava começando o festejo na cidade. Chamamos a atenção mais uma vez para as estratégias no uso da imagem, agora um pau-de-arara digital parece caber todo mundo e nas estéticas da devoção *online* vemos como um recurso de lembrança convoca o corpo para devotar, mesmo à distância; visto que as cenas que são exibidas na *live* aludem propriamente aos elementos das romarias tradicionais, sendo essa uma maneira de despertar no romeiro o sentimento de vivê-las presencialmente. Ao tempo em que compreendemos a grandiosidade em torno do que seria uma romaria, apreendemos as dificuldades em conceituar um fenômeno de tamanha dinamicidade. Neste trabalho compreendemos o fenômeno da romaria virtual através da perspectiva que considera os romeiros, devotos e brincantes pela via dos agentes em rede, sobretudo, pela sua capacidade de fazer da estrutura uma antiestrutura (TURNER, 1974) diante das condições vivenciadas pelos fiéis não só fora da temporalidade social, mas por

⁸ O vídeo é antigo, pois a resolução nº 508/2014, do Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN), proibiu a circulação dos paus de arara para transportar romeiros.

entre temporalidades múltiplas e fragmentadas do ritual transmitido no modo *online*. “A *communitas* fica mais clara na ‘liminaridade’, um conceito que eu estendi de seu uso em *Lês Rites de Passage*, de Van Gennep, para me referir a quaisquer condições fora das ou nas periferias da vida cotidiana” (TURNER, 2008, p. 40, grifo original).

É interessante perceber que a procissão do rito fúnebre da romaria, a exemplo da Romaria de Finados por si, se aproxima da *communitas* na forma de antiestrutura vivenciada no momento da procissão, mas no caso da transmissão esses vínculos da condição liminar do tempo ritualizado mostra como uma estética do ao vivo reúne oromeiro enquanto sujeito em suspensão que devota em pertencimento as relações sociais estabelecidas pelo *online*. É como se estar *online*, fosse estar em promessa. Na *live*, a solidariedade faz das preces um momento liminar, como traz Carlos Alberto Steil (2003), no modelo emocional de *communitas* na leitura turneriana. O autor concebe a romaria como um discurso metassocial, este atua em duas formas de sociabilidade: “*communitas*, para a qual a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal fraterno da comunhão; e da *societas*, onde a regra básica de funcionamento da sociedade estaria na distinção” (STEIL, 2003, p. 251, grifo original). No que diz respeito às experiências, partimos do pressuposto que são diversas, múltiplas, contraditórias e agenciadas, sendo possível compreender as romarias, neste caso, as virtuais, como um fenômeno que oportuniza diversas possibilidades de agenciar os eventos romeiros. A ideia de uma romaria virtual pode, preliminarmente, assumir uma conotação de passividade, a falsa ideia de que oromeiro está do outro lado da tela assistindo a tudo passivamente. Todavia, os agentes são sujeitos de experiência, esta, no que lhe concerne, possui a capacidade de criar e recriar os sujeitos no tocante às reflexões em torno do que se vive, da experiência no processo ritual.

“Pois é meus queridos irmãos romeiros e romeiras, estamos aqui reunidos para iniciar o nosso encontro com todos os romeiros de maneira muito diferente este ano devido à pandemia”, fala introdutória da irmã Macilene ao vivo. Uma declaração que pode soar atravessada de frustração, o encontro com os romeiros não será presencial. A irmã Macilene, contudo, acalenta o coração dos fiéis ao afirmar: “Mas vocês romeiros e romeiras vão poder participar desta Romaria de Finado”. Nestas falas compreendemos, especialmente, o sentido da romaria virtual, ela possui um diferencial significativo ao compará-la com a romaria presencial, mas pode ter um sentido próximo se vista do ponto do processo ritual que compõem os eventos romeiros, onde estéticas devotas se associam por significados que dizem ser possível estar ali. A irmã Macilene fala de um cenário decorado com muitos elementos das romarias tradicionais. O chapéu de palha pendurado na parede, não mais na cabeça dos romeiros, evoca sensação melancólica. Uma mesinha

na cor marrom abrigando a imagem de Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores junto a dois candeeiros insinua que, por ora, a luz está apagada, mas deve permanecer acesa nos lares dos devotos. Do lado esquerdo da mesa, uma miniatura de um pau-de-arara decorado com fitinhas do círio, um terço e as imagens do padrinho e Nossa Senhora das Dores, em cima do veículo se encontram várias malas que habitualmente implicam em deslocamento estão lá apenas para lembrar movimentos passados, pois o presente tem sido de resiliência e estagnação.

A irmã Betka, na posse de um violino, aprecia as palavras da irmã Macilene. Francisco, usando um chapéu de palha, está sentado ao lado da irmã Betka, ele é responsável pelo teclado. A dupla está incumbida de animar o Encontro com os Romeiros, a musicalidade da *live* ficou por conta deles. A mediadora do encontro, irmã Macilene, olha para a dupla de músicos e fala: “vamos lá Francisco acolher os estados”. Ao tempo em que os músicos tocam, a apresentadora da *live* canta: “Sejam bem-vindos romeiros neste encontro de irmão, romeiros da mãe das Dores e do padre Cícero Romão”. A *live* vai prosseguindo com música. De maneira bem festiva, as três pessoas presentes no cenário cantam e tocam festiva e alegremente. Ao encerrar a cantoria, a mediadora do encontro profere as seguintes palavras: “Vocês estão distantes, mas, ao mesmo tempo estamos próximos, porque toda a equipe de comunicação da Basílica de Nossa Senhora das Dores, organizou tudo isso, esse cenário pra vocês irmãs e irmãos também está em sintonia com a gente”.

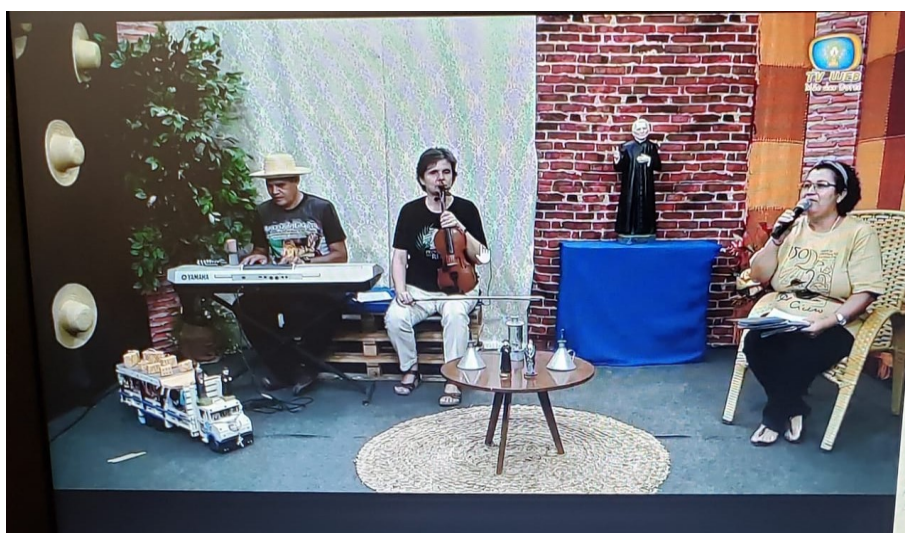


Figura 1 – Cenário da *live*. Mediação realizada pela irmã Macilene (que está usando o microfone) e animada pela irmã Betka ao som do violino, acompanhada de Francisco, responsável pelo teclado. Fonte: Registro da tela da segunda autora.

Com um fundo musical garantido pelo teclado de Francisco, a irmã Macilene sentada, segurando uma pilha de papéis em uma mão e o microfone em outra, fala “Agora [faz um sinal positivo para alguém, acreditamos que seja autorizando a exibição das imagens] nós vamos ver alguns vídeos que foram gravados nas romarias anteriores, antes dessa pandemia, porque nessa pandemia vocês sabem que nós não estamos podendo vir para o Juazeiro”. Concomitante a fala da religiosa, surgem vídeos da “Reunião das Três” no formato presencial. Os romeiros em pé, de mãos dadas, em uma saudosa aglomeração. Uma senhora com o cabelo preso, trajando uma blusa na cor azul e uns óculos de grau, segura a mão de um senhor de boné nas cores azul e branco que também usa óculos de grau, os dois bocejam em simultâneo. Naquele momento a dupla se olha e sorri. Uma sintonia que também é romaria. A cena é seguida pela aparição de um vídeo da irmã Annette conduzindo a reunião das três. A irmã surge com o microfone na mão direita ao tempo em que o braço esquerdo está levantado, assim como muitos romeiros que também levantam um braço, ao que parece a religiosa os indagou a respeito de algo. Ao tempo em que o vídeo é exibido, irmã Macilene vai falando “e vocês tão vendo aí, né? No Círculo Operário São José, lotado de romeiro, pode ser que você até esteja aí presente, quem sabe, né? Se você não tá aí presente”. Com cerca de vinte minutos de *live* a irmã Annette surge, agora ao vivo. Uma mulher muito querida pela comunidade romeira, como podemos observar no comentário feito pela romeira J. B. de Caetés, Pernambuco: “Eita... Saudades de ouvir a voz da irmã Annette. Obrigada por esse presente que é ver e ouvir a irmã Annette”.



Figura 2 – Participação da querida irmã Annette. Fonte: Registro da tela da segunda autora.

A irmã Annette surge enaltecendo a figura do Padre Cícero e rememora uma passagem da vida do santo padre bem conhecida entre os seus devotos. Nas palavras dela: “O Sagrado Coração de Jesus se apresentou a Cícero durante um sonho, um tipo de revelação e chegou a muitos nordestinos na visão de Padre Cícero. E o Sagrado Coração de Jesus olhou para Cícero e disse: E você, Cícero, tome conta deles”. De certa forma, na romaria virtual o romeiro é transportado para o mundo sagrado em um estado liminar de suspensão, onde o tempo social não parou somente por causa do ritual, mas também das condições de sua realização, ou seja, ele é agregado pela reciprocidade do rito engajado nas redes, o que faz com que ele volte para o tempo cotidiano como se talvez estivesse presente na romaria. No momento em que o mundo vive umas das maiores crises sanitárias de todos os tempos, no momento em que o mundo testemunha uma escalada assustadora de mortes, ouvir tais palavras parece confortante. Não apenas as palavras da irmã Annette causam um certo alento, o que também chama a atenção é a forma serena em que ela aparece na *live*. Trajando uma roupa estampada nas cores branca e azul-claro, usando óculos de grau, com uma voz mansa e um sorriso doce, irmã Annette proporciona sentimento de leveza aos que estão do outro lado da tela. A imagem da irmã Annette parece representar o que o mundo nos últimos meses anseia: serenidade, leveza e confiança. Com um sorriso generoso no rosto, brilho nos olhos, a irmã diz:

e você romeiro dar o seu testemunho de fé de alegria, apesar desse problema tão triste da pandemia, do Covid-19, vamos rezar juntos para que se acabe esse terrível Covid-19, vamos rezar, vamos esperar, não vamos perder a confiança em Jesus que nunca nos abandona. (Annette, vídeo online, 29/10/2020, Juazeiro do Norte).

A participação da irmã Annette proporcionou um maior entusiasmo, a segurança nas palavras, o amor nos olhos abrilhantou o momento. “Saudades de ouvir a irmã Annette cantar”, afirmou W. N. de Curaçá, BA.

Após a participação da religiosa, a câmera retorna ao cenário da *live* e, em seguida, mais um momento de música. Depois das canções, a jovem Patrícia Mirelle é apresentada para comentar sobre as interações entre os romeiros no vídeo ao vivo. Patrícia ressaltou que os comentários são dos mais variados possíveis, como pedidos de intercessão por parte de Nossa Senhora das Dores até a saudade que sentem de Juazeiro do Norte. O momento de ler alguns comentários é de grande importância, visto que demonstra uma maior interação e muito engajamento. Logo após a leitura de alguns comentários fixados na *live*, foi aberto um momento para a participação de romeiros. Surge a imagem de um romeiro, vestindo uma camisa na cor marrom, um chapéu de palha e um terço no pescoço.

O mesmo está posicionado próximo a uma mesa com um caderno de benditos, uma imagem de Nossa Senhora das Dores e uma imagem de Padre Cícero. O homem denominado Arnóbio, aparenta, pelo semblante, uma felicidade em participar da romaria de finados.

Então, sou Arnóbio de Porto da Folha, Sergipe, já tenho 25 romarias ao santo Juazeiro, as principais são no mês de outubro, esse ano como está acontecendo essa pandemia, infelizmente, desses 24 anos que eu venho pra Juazeiro, é o primeiro ano que eu não vou no mês de outubro, coração está dilacerado de tanta tristeza, mas é assim mesmo, graças a Deus, louvo a Deus, a mãe das Dores e a meu padrinho Cícero [tocando nas imagens] pela Web TV da Mãe das Dores que vai transmitir toda a romaria, está transmitindo, pelo menos matarei a saudade. (Arnóbio, vídeo online, 29/10/2020, Porto da Folha).



Figura 3 – Participação na *live* do romeiro Arnóbio. Fonte: Registro da tela da segunda autora.

Por meio deste relato identificamos elementos que caracterizam a noção de ruptura do ritual. Assim como Arnóbio, muitos outros romeiros, devotos de Nossa Senhora das Dores e do Padre Cícero fazem romaria há muitos anos. Com a emergência da crise pandêmica tornou-se necessário o abandono, por tempo ainda indeterminado, de práticas tradicionais de devoção. Assim, a romaria virtual funcionaria a partir da perspectiva do romeiro citado, como um modo de “matar a saudade”, tendo uma materialidade na *live* que se associa ao ritual pelas imagens santas do cortejo da romaria. A *live* vai chegando ao final. Sentada, a apresentadora agradece pelo momento compartilhado e pede para que os romeiros tenham confiança em Deus, Nossa Senhora das Dores e no Padre Cícero. Irmã Macilene reforça o pedido no que se refere aos cuidados com as medidas de segurança no

combate a Covid-19. Pede o uso de máscaras e álcool em gel e a vigilância no que diz respeito às questões referentes ao distanciamento social. A apresentadora, agora em pé, segurando algumas folhas, pede para que os romeiros em suas casas cantem a oração do Pai Nosso para assim encerrar o encontro. A irmã Betka, segura o violino ao lado de Francisco, que já se prepara para conduzir a canção no teclado, na voz da irmã Macilene. Em seguida, a mediadora do encontro reza uma Ave Maria ao tempo em que a câmera foca na miniatura do carro pau-de-arara. Uma imagem permeada por grande simbologia, o pau-de-arara decorado com fita de círio, terço, imagens de Nossa Senhora das Dores, Padre Cícero e miniaturas de malas, representa o desejo do romeiro: o deslocamento até Juazeiro do Norte.

Sem dúvidas, a romaria virtualizada oportuniza uma série de experiências rituais. É interessante perceber como a *live* se torna um modo de estar presente religioso, tendo em vista que o formato de transmissão ao vivo e o mecanismo de publicação em redes sociais se tornaram modos e meios de religiosidade pela associação com outras imagens engajadas de santos que remetem muito ao devotar e ao sentido da festa de devoção em Juazeiro do Norte. As *lives* se tornam religiosas em algum momento ritual do *online* a partir de cada experiência romeira que acompanha, como menciona Renata de Castro Menezes (2011) sobre o que faz as imagens se tornarem religiosas. Todavia, a imagem do pau-de-arara reflete a necessidade de experienciar tudo o que uma romaria pode proporcionar, de maneira especial, o percurso da viagem. As vivências nos ônibus e nos transportes que deslocam os romeiros, fazem parte do processo ritual da romaria. “O fretante é considerado um dos personagens principais das romarias, pois além da experiência religiosa, possui a vivência nos caminhos que levam a Juazeiro” (SILVA; OLINDA, 2020, p. 236). Desse modo, partimos do pressuposto que compreende as romarias virtuais como uma espécie de preparo para vivenciar de maneira energética as romarias na condição presencial, um ritual em processo para os romeiros.

O “Encontro com os Romeiros” na Romaria de Finados de Juazeiro do Norte de 2020 evidencia a possibilidade de ressignificar os eventos romeiros e demonstra a capacidade de experienciar de maneiras diversas o ritual do fenômeno religioso. A romaria virtual é tomada por uma complexidade que provoca a sensação de pau-de-arara digital, ou seja, de um dos começos do processo ritual do festejo religioso. Como diz o querido Luiz Gonzaga: “eu todos os anos, setembro e novembro vou ao Juazeiro. Alegre e contente, cantando na frente, sou mais um romeiro”. Dessa forma, vale pensar nessa experiência a partir dos espaços híbridos, pois “nos momentos de suspensão das relações cotidianas é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas”

(DAWSEY, 2005, p. 166). Como traz Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2002), os rituais possuem um idioma próprio e nessa descrição dos mesmos, destaca o enfoque em suas formas artísticas, assim, adentramos o reisado. É o momento em que relacionamos as romarias aos reisados, sendo a romaria um festejo que convoca a festa do reisado em louvação ao Padre Cícero, em tempos rituais diferentes, mas com ritualidades próximas. Esperamos, o mais breve possível, esbarrar nos romeiros pelas ruas de Juazeiro. Mas, enquanto isso, o apito do Mestre soa. Saímos do Horto do Padre Cícero para o bairro João Cabral.

Reisados digitais: da rua para a tela, o Reisado dos Irmãos⁹

No caso dos Reisados, vale destacar que nunca havíamos nos deparado com tamanha circulação de performances culturais da tradição nas redes sociais como no último ano de 2020. Pela primeira vez, percebemos uma produção intensa de conteúdos midiáticos produzidos pelos próprios brincantes em uma vasta quantidade. Dessa forma, ao analisar a *live* do Reisado dos Irmãos o primeiro autor lembra muito dos encontros com o Mestre Cicinho do Reisado Manoel Messias, o Mestre Adriano do Reisado São Severino e o Mestre Dodô do Reisado São Francisco que aconteceram em três *lives*, transmitidas nos dias 21, 24 e 29 de julho de 2020, nas quais ele foi convidado para mediar durante a realização do I Mostra Virtual Mestres da Tradição, promovido pela Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, através da Secretaria de Cultura (Secult) em parceria com a Universidade Federal do Cariri (UFCA) e o edital Cultura em Casa, entre 20 a 31 do mesmo mês. Por isso, propomos analisar as imagens da *live* diante de uma das principais apresentações dos reisados, inclusive, em uma data que coincide com a romaria, lembrando que muitos grupos de reis dançam na louvação ao Padre Cícero em festejos romeiros na rua (OLIVEIRA JUNIOR; FORTES, 2020).

“Ô discípulos, calem a boca. Estamos aqui, gente... Esperando vocês entrar...”, dizem duas vezes no minuto inicial da *live* do Reisado dos Irmãos, de Juazeiro do Norte, realizada no dia 5 de janeiro de 2021 através do Sesc e publicada no perfil do grupo com o total de 555 visualizações no Instagram. Em seguida, após os preparativos, entra a figura do Mateu do grupo, no nome de Mestre Raimundo, que começa a performance cênica gravada ao vivo daquele dia com um pequeno verso chamada de lua.

⁹ Parte da pesquisa que reúne olhares do primeiro pesquisador para o seu campo, dos reisados e dos brincantes em Juazeiro do Norte.

Eita, beleza da natureza! Eu vou dizer a tu uma lua, lua cheia, crescente, minguante e lua nova. Então, na serra do para serra, raposa comeu um galo quem come muito é cavalo, quem não come morre em pé, a banha do jacaré é remédio para azia quem dorme muito dá mei dia. A prenha com satisfação e eu tomei com razão e rezei o rosário da véa maria. Olha aí, tá bom pra vocês? Vamos entrando todo mundo que vamos já começar, daqui a pouquinho estamos fazendo o desmantelo! (Mestre Raimundo, vídeo online, 05/01/2021, Juazeiro do Norte).

Convida a figura com um pandeiro na mão que ajudou na melodia dos versos musicados no improviso da cena. “A revelação do corpo por detrás da máscara pode suscitar alguns dos momentos mais eletrizantes de uma performance. Em tais instantes se manifesta uma experiência liminar” (DAWSEY, 2007, p. 548-549).

A partir do verso do Mateu, em menos de dois minutos da *live* do Reisado dos Irmãos, procuramos pensar o novo formato de transmissão dos cortejos cênicos da cultura popular regional através da estética das transmissões ao vivo em redes sociais. Por um momento, pensamos que talvez não fosse cabível falar em “novo formato” quando a transmissão de vídeos simultâneos já acontece há alguns anos nas redes sociais, tendo como alcance apenas um botão da nossa tela. Porém, acreditamos ser preciso falar na novidade quando mencionamos a forma como esse tipo de mediação na manifestação artística entrelaça os modos de fruição da experiência estética da tradição, pois muitos brincantes mais idosos não possuíam o manejo com as mídias digitais, sendo essas circulações *online* uma forma de sociabilidade dos brincantes mais jovens, como observamos em campo. Afinal, acreditamos que pela primeira vez, nesse período histórico de pandemia da Covid-19, em grande adesão dos grupos, as performances cênicas do Reisado foram quase que exclusivamente fruídas por meio das redes sociais no Cariri cearense. Não só por incentivo público ou privado, mas pela incorporação dessa nova estética como forma de continuar o espetáculo cênico religioso.

Dessa forma, afirmamos isso com base na voz do próprio Mateu na *live*. Uma “tiração de rainha” e/ou um “jogo de espadas” não é a mesma coisa da rua para a tela. O Reisado é antes de tudo uma aglomeração, pois precisa do povo para fazer a devoção nas ruas, louvar ao Padre Cícero como promessa ritual de final de ano. De máscara vermelha, traje azul e pandeiro na mão, o Mateu não perde a sua alegria no encantar da cena digitalizada, mas o que do encantamento não frui pelos dispositivos midiáticos de transmissão da arte popular? Diferentemente das romarias, nos reisados a associação das imagens e dos símbolos rituais não possuem a mesma força da reza, pois no teatro ritual

se brinca com o corpo, se reza com a dança. Talvez, essa questão seja um dos pontos de partida para pensar inclusive o que Oswald Barroso (2013) traz pelo “teatro como encantamento”, quando o autor menciona o momento em que a temporalidade do cortejo inaugura o cósmico no corpo brincante e permite que o encantamento percorra os sentidos da corporificação, ou seja, as ruas se tornam portais fabulados pela fantasia e pelo maravilhoso e a vida aparece apenas pelo fio da respiração no corpo performado. Porém, no *streaming*, há espaços de passagem do corpo brincante na intersecção das linguagens artísticas da performance nas imagens da pandemia, o Mateu na *live* mostra como os brincantes se adaptaram aos modos de encenação ritual pelo ao vivo.

Pelas *lives* que foram transmitidas, acreditamos que boa parte do ritual não aparece, porque agora as transmissões ao vivo são mais roteiros montados do que cortejos improvisados, mas é possível ver uma pequena parte do processo da brincadeira que relembra os momentos de constituição dos brincantes e do ritual, a exemplo da reunião nas calçadas, na separação das roupas e da pintura da maquiagem. Por mais que exista uma ativação de forças singulares, o formato da *live* se aproxima mais dos momentos dos ensaios do que das performances em si, de certa forma é como se estivéssemos assistindo a um ensaio de uma performance. A força desse contexto está na forma como o corpo brincante convoca a multidão, ainda que esteja sem a presença dela, disputando espaços e sentidos da brincadeira na narrativa do ao vivo. No caso, o liminar da brincadeira mostra como a passagem do encantamento faz um eco nas *lives* em torno dessa estética da devoção que aponta a religiosidade brincante no trânsito do corpo *online*. Dessa forma, tanto os brincantes, como nós, estamos entre a brincadeira e as nossas casas, nem lá e nem aqui, mas em *streaming*, estamos na narrativa enredada pela criatividade desses processos rituais na pandemia. No caso das romarias e das brincadeiras podemos falar no reordenamento das experiências e dos saberes enraizados diante das novas instabilidades e potencialidades das diversas formas coletivas, sendo a própria *live* um tipo próximo do “espelho mágico” (TURNER, 2008).

Ao analisar a *live* do Reisado Discípulos do Mestre Pedro (Reisado dos Irmãos) no Instagram, retomamos o Mateu e seguimos no fluxo da brincadeira virtualizada. Na parede que compõe a cena gravada ao vivo, a imagem de São Jorge aparece ao lado dos elementos compostos pelo traje do grupo, dispostos em saíotes, coroas e fitas nas cores amarelo, vermelho, verde e azul. É interessante perceber como o cenário da sala de estar da casa em que o grupo faz a sua sede, provavelmente do Mestre Antônio ou de algum familiar próximo, traz uma visão orgânica do cotidiano do grupo. O espaço da performance cênica do Reisado ambienta os afetos e as sensibilidades na potência do improvisado. Inclusive

poucos segundos antes de começar definitivamente a apresentação do grupo, alguém no fundo diz que ainda está procurando o seu saiote, o que mostra muito como o próprio coletivo de brincantes se organiza em uma dinâmica própria que transpõe o espectador para dentro da casa na qual gravam a transmissão. As vozes emaranhadas, as batidas no pandeiro e o movimento dos brincantes destacam o sentido da devoção *online*. “Bora negada, começou. Pode ir chegando, o zabumbeiro pegue na zambumba, os caixeiro peguem a caixa e os embaixador pegue a embaixada. E o Mestre Antônio tá já chegando aí, tá só ajeitando a calcinha, tirando a calcinha da regada e puxando”, brinca o Mateu que abre o tempo brincante de encantamento na *live* em tom cômico e debochado.

“Tô caçando é minha máscara!”, diz o Mestre Antônio. Entram em cena os principais figurais. Ao todo, compõem o quadro de cinco brincantes, dentre eles, guerreiros, rei e rainha. “Nem de máscara eu brinco Reisado, a primeira vez é hoje! Mas, eu vou botar pra arrebentar, uma perna aqui e outra lá para dançar, hoje vocês vão ver de volta o palhaço Mateu Raimundo, o mais enxerido de todos, tem hora que ele não sabe nem o que diz”, se apresenta o personagem. Finalmente, o Mestre Raimundo entra em cena. Fica na posição central do enquadramento da *live*, dá boa tarde a quem assiste à transmissão e diz que vai cantar a peça de chegada para dar início ao rito do Reisado. Apito na mão e peça na língua. Começa a performance cênica, o toque forte da zambumba dá ritmo aos passos dos pés e ao movimento da cintura. Agora são sete brincantes em cena, fora os músicos da dança que não aparecem, nem todos estão de máscaras, apenas o Mateu e o Mestre. Espadas na mão de todos os homens, apenas uma menina ocupa sua função da rainha. Após a primeira cantoria, é possível entender que, na verdade, quem grava a *live* é uma filha do Mestre Antônio que pergunta no final da peça: “Pai vai falar o que é o jogo de espada e a tomada da rainha, entendeu? O senhor tem que falar isso”, fala a jovem. Essa fala demonstra a conexão mais próxima dos jovens brincantes com as redes sociais, inclusive, ensinando como os brincantes mais velhos as utilizam. Para falar, ela aproxima o dispositivo móvel que grava a *live* em um enquadramento close do Mestre.

Mestre Antônio explica que para quem é da cultura é uma alegria imensa fazer a tiração de Rainha, mas ressalta que a violência do mundo não permite mais a encenação. Porém, ele conta para quem assiste etapa por etapa de como seria aquela cena na rua. Isso é muito importante na transmissão da *live* por conta da forma como os saberes são transmitidos não somente pelo processo de aprendizagem, mas pela contação de histórias sobre esses mesmos saberes articulados pelos brincantes e transmitidos no ao vivo. No caso, a *live* como modo e as redes sociais como meio revelam um outro suporte para a mensagem dos saberes tradicionais em circulação, haja vista como o *streaming* e a internet

podem ao mesmo tempo, amplificar e potencializar a voz localizada do Mestre, mesmo no fluxo intenso das interações *online*. Ele se refere ao Mateu como Mestre Raimundo e pede para que ele conte como acontece essa mesma simulação no grupo internamente, no final do quilombo em Dia de Reis. Às vezes, o grupo mesmo duela com o grupo de guerreiras para simular essa “tomada de Rainha” que simboliza o Mateu: “finalização do tempo, finalização do ano”. Novamente, a filha do Mestre que administra a troca de informações na *live* faz uma pergunta para o grupo, devido ao pedido de aproximadamente dez pessoas *online* que gostariam de saber se o Reisado iria sair naquele dia 6 de janeiro. “Rapaz, provavelmente não. Por quê? Tem essa pandemia que tá perigosa, eu aconselhava até ninguém sair porque tá perigosa a pandemia, provavelmente não sai o Reisado dos Irmãos”. Em seguida, eles cantam a peça da “tomada de rainha”.



Figura 4 – Cenário da *live*. Participação do Mestre Raimundo como Mateu no Reisado dos Irmãos. Fonte: Registro da tela do primeiro autor.



Figura 5 – Momento de perguntas para o Mestre Antônio. Fonte: Registro da tela do primeiro autor.

Ali, naquela imagem da sala de estar, o rei e o embaixador trocam golpes de espadas. Cada pedido do público espectador e cada interação principal são lidos pela jovem que acompanha a *live*. Muito interessante perceber como os grupos interagem entre si, gerando uma rede de saberes localizada e multi-situada no contexto digital para além do regional. “A galera do Reisado de Nossa Senhora das Dores de Fortaleza acompanha a *live*”, a menina lê o comentário. O Mateu responde saudando o grupo da capital e celebrando o Dia de Reis pelo encontro com o grupo dele, destacando o nome de Cris como uma Mestra guerreira. Como se dois estivessem ali na rua, disputando em quilombo. Logo depois, a menina pede para que o grupo cante os divinos nas peças dos quilombos encenados nas casas dos bairros, na qual o Mateu conta que é uma homenagem ao menino Deus nos três dias santos, Natal, Ano Novo e Dia de Reis. O divino são peças cantadas no traçado do quilombo, saudando o menino Jesus nas salas das casas em que o Reisado entra. Nessa visão performática do ritual virtualizado do reisado, pensamos sobre o drama social diante de Victor Turner (2008), sobretudo, pelo momento crítico da pandemia na visão acentuada do drama que emerge no efeito de distanciamento e na reflexão sobre si mesmos, onde a arte configura o acontecimento na forma como eles também podem tomar consciência desse conflito de modo coletivo. Isso se aproxima do que Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2013) pontua sobre a performance na visão de Turner, pois se a performance dramática é uma manifestação do processo social, o processo está ligado ao próprio drama. “Mais do que isso, a experiência vivida por eles no desenrolar do drama é subjetivada, produz reflexividade, e pode modificar o próprio sujeito e seu grupo” (CAVALCANTI, 2013, p. 416).

Assim, é possível perceber como os símbolos são entidades dinâmicas, como traz Victor Turner (2008), e adquirem formas estéticas através de eventos que os modelam na encarnação dos corpos nos campos sociais. Nos momentos finais da *live*, um dos brincantes vestidos de embaixador relembra a importância da figura do Mestre e diz que a última peça cantada vai ser em homenagem para Antônio que aniversariaria no Dia de Reis. “Tem muita gente mandando aqui parabéns para o senhor, pai”, diz a jovem. O Mestre Antônio agradece e diz que todas as pessoas *online* fazem parte do seu coração. “Eu queria tá uma hora dessa junto com vocês todos para abraçar forte, mas fica de longe mesmo, mas meu abraço tá forte aqui”. Depois daquela peça cantada em homenagem ao Mestre, uma despedida seria feita com a simulação do jogo de espadas. Nessa parada, parece que a própria sala de estar se expande no duelo dos brincantes embaixadores, na lateral dos cômodos eles ficam na espreita do golpe. Apesar de aquilo ser uma simulação, o Mestre diz que se aproxima do real na condução das espadas. A peça final é cantada para

Seu Jorge, tido como amado rei pela poética devocional. O Mateu brinca e diz não precisa chorar que o grupo volta ano que vem. Como diz John Dawsey (2005), experiências que irrompem em tempos podem ser fundantes, então essa promessa vem à superfície nesse “espelho mágico” da *live* e nessas formas alteradas de estar presente.



Figura 6 – Momento final da performance do Reizado dos Irmãos. Fonte: Registro da tela do primeiro autor.

Assim, seria possível dizer que essas apresentações de Reizado na pandemia mostram a relação entre dramas sociais e dramas estéticos, sobretudo, na relação entre o ritual e o teatro na transmissão da performance, tendo na sua ação comunicativa a expressão desses dilemas sociais ritualizados. Os reisados e as romarias podem ser vistos, em proporções diferentes, com os atributos de uma própria *communitas* existencial que na visão da calamidade, une pessoas momentaneamente. No final do encontro, 9 pessoas que assistiam a *live* por fora da janela entram pela porta da casa e cantam com o Mestre a despedida, pegando os trajes que estavam nas paredes como coroas e colocando na cabeça. As últimas palavras são da filha do Mestre que fala “Encera, encera” e aquele encontro termina para quem estava *online*, mas talvez não tenha terminado para quem estava *offline*. Antes de tudo, para acontecer o reisado é preciso aglomeração, pois não há tradição sem povo na rua. Apesar da proposta da performance tipo ensaio gravado ao vivo funcionar para a transmissão *online* e ser uma forma de ressonância dos saberes pelas mídias digitais, alguma expressividade parece se perder diante da leveza do corpo que brinca. O que não se perde mesmo é o tempo da brincadeira que se expande pelas outras temporalidades do *online* e ganha força nos afetos trocados dos outros grupos e das duas plateias que fazem presença em um só corpo.

Até o ano que vem

Ao levarmos em consideração a construção desses movimentos por meio das manifestações religiosas e culturais em rede, com foco nessas estéticas da devoção em Juazeiro do Norte, encontramos uma estética popular criada por meio de dispositivos de transmissão ao vivo que podem ser um suporte material para a própria perpetuação provisória dos saberes em tempos de Covid-19. Da romaria aos reisados, percebemos que os romeiros e os brincantes com ou sem incentivo público ou privado fazem das representações de si nas redes sociais uma forma de estar junto e no coletivo, rezando, dançando e prometendo a chegada do ano por vir sem pandemia. O devoto não adia a sua prece, mesmo em tempos de catástrofe. Isso fala muito sobre resistência coletiva em uma perspectiva localizada no contraponto do encontro na procissão ou no cortejo. A religiosidade em tempos de pandemia refuta a possibilidade de não vida. Como explicam Lucas Bártolo e João Soares (2020), estamos falando de renovação a partir de rituais que nos mostram como dos escombros do real podem nascer preces do amanhã.

Em tempos de súplica, pensamos na devoção como dispositivo de criação capaz de engendrar linhas de resistência e de afeto nas diversas formas de se fazer presente, sobretudo, na terra do Padre Cícero que, para além das mistificações, cobre os enlaces sociais, econômicos e culturais, oriundos do pertencimento e da afirmação de vida. Desse modo, essas estéticas rituais da devoção em tempos de pandemia nas romarias e nos reisados parecem operar de modo descontínuo na fronteira do corpo que devota, onde as marcas desse tempo se dispersam e se pulverizam na fragmentação do que une o próprio devoto nessas margens liminares na irrupção da continuidade dessas experiências. Ao falar dessa estética da devoção nas *lives* encontramos no caminho de Renata de Castro Menezes (2011) um modo de pensá-las em rede, onde uma circulação dos devotos constrói e ativa o ato de devotar, ou seja, as transmissões ao vivo podem agregar coisas, mediar ligações e fazer dos agentes em rede uma relação devota, onde ser romeiro ou ser brincante não é ser apenas um sujeito, mas ser um sujeito em relação ou, até mesmo, a própria relação.

Quando um romeiro reza ou um brincante dança *online*, o corpo entra em uma vibração coletiva capaz de engajar os mais variados afetos que articulam aquela devoção transmitida. Por isso, trazemos como esse popular isolado por emergir em estéticas da devoção que existem por meio de pontos coletivizados. Ao acompanharmos a construção dos movimentos religiosos e culturais *online* sobre a devoção, encontramos visualidades que fissuram os modos de ver o tempo convencional dos rituais. No eco das palavras de um Mestre e no amparo das orações dos romeiros, a devoção ganha corpo como

criação de si no presente. Se por um lado sempre se pensou no fim das tradições com o passar do tempo e o avanço tecnológico, nós acreditamos em uma atualização da tradição a exemplo do que vimos com as romarias e os reisados em uma futuridade. Apesar do reisado e da romaria perderem, sem dúvidas, partes expressivas do encantamento, vimos como se manifesta a promessa, ou seja, como ela mesma move o romeiro por diversos circuitos. Na verdade, escrevemos este trabalho para acompanhar e não necessariamente para compreender a complexidade viva da religiosidade em tempos de pandemia, porque achamos que somente vamos de fato compreender o que vivenciamos nas telas quando o reencontro for possível. Até lá, subimos em um pau-de-arara virtual e fazemos do avatar uma forma de devotar.

Referências

- BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. Etnografia de tela: uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 89-111.
- BARROSO, Oswald. *Teatro como encantamento: bois e caretas do Ceará*. Fortaleza: Armazém Cultural, 2013.
- BÁRTOLO, Lucas; SOUZA, João Gustavo Martins Melo de. Notas sobre as escolas de samba e a pandemia do novo coronavírus. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29, n. supl, p. 194-203, agosto, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRAGA, Antonio Mendes da Costa; SILVA, Amanda Priscila Souza; MENESES, Itamara Freire de. Romeiros, turismo e devoção nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 271-290, maio/agosto, 2019.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Drama, ritual e performance em Victor Turner. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 411-440, julho-dezembro, 2013.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. *Revista de antropologia*, v. 45, p. 37-78, 2002.
- DAWSEY, John C. Victor Turner e antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 163-176, 2005.
- DAWSEY, John C. Sismologia da performance: ritual, drama e play na teoria antropológica. *Revista de antropologia*, São Paulo, n. 50, p. 527-570, 2007.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

KAPFERER, Bruce. Introduction: in the event—toward an anthropology of generic moments. *Social Analysis*, v. 54, n. 3, p. 1-27, 2010.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica -Revista Contemporânea de Antropologia*, Niterói, n. 42, p. 41-65, 2017.

MAUSS, Marcel. *Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MENEZES, Renata de Castro. A imagem sagrada na era da reprodutibilidade técnica: sobre santinhos. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 36, v. 17, p. 43-65, julho/dezembro, 2011.

OLIVEIRA JUNIOR, Ribamar José de; FORTES, Lore. O simulacro da Rainha: performance, ritual e corpo no Reisado Santa Helena. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 26, n. 56, p. 87-115, janeiro/abril, 2020.

RIAL, Carmem Silvia. Mídia e sexualidades: breve panorama dos estudos de mídia. In: GROSSI, Miriam Pillar et al. (Org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.107-136.

SILVA, Adriana Maria Simião; OLINDA, Ercília Maria Braga. Entre benditos e testemunhos: Exercitando o direito à liberdade religiosa e às manifestações de crenças. In: OLINDA, Ercília; PAZ, Renata (Org). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: UECE, 2020. p. 222-246.

STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 259-261, 2003.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Agradecimentos

Agradecemos a cada interlocutor dos campos de pesquisa que nos acolhe nesse percurso.

Financiamento

CAPES-PROEX.

Recebido em 14 de junho de 2021

Aceito em 19 de dezembro de 2021